

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SUL DE MINAS GERAIS - CAMPUS MUZAMBINHO**

BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANA PAULA DE MELO

MARINA MARTINS BAZILIO

**PERCEPÇÃO DE DEFICIENTES INTELECTUAIS SOBRE PEQUENAS
COMPETIÇÕES ESPORTIVAS: DA EXPECTATIVA A REALIDADE**

MUZAMBINHO

2016

ANA PAULA DE MELO

MARINA MARTINS BAZILIO

**PERCEPÇÃO DE DEFICIENTES INTELECTUAIS SOBRE PEQUENAS
COMPETIÇÕES ESPORTIVAS: DA EXPECTATIVA A REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Ieda Mayumi Sabino Kawashita

MUZAMBINHO

2016

PERCEPÇÃO DE DEFICIENTES INTELECTUAIS SOBRE PEQUENAS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS: DA EXPECTATIVA A REALIDADE

Ana Paula de Melo ¹

Marina Martins Bazilio ¹

Ieda Mayumi Sabino Kawashita ²

RESUMO

O presente estudo teve como finalidade investigar qual é a percepção de pessoas com deficiência intelectual sobre as competições esportivas nas quais participam. Foram entrevistados 15 alunos com idade entre 15 a 27 anos. Como resultado percebemos que a competição tem caráter recreacional.. A prioridade dos alunos para com a competição é viajar e a condição de jogar foi a última escolhida por eles. Esses dados demonstram que a competição não tem como principal objetivo o esporte, tendo em vista que os alunos preferem o passeio para o campeonato do que fazerem de fato parte evidente dele. A pesquisa nos faz refletir que a competição no atual formato não tem sido um agente capaz de proporcionar a esse grupo de alunos a expressão de sentimentos, o entendimento sobre o esporte, espírito de competição e socialização.

Palavras-chave: Esporte, deficiência, competição

¹ Graduandos do Curso Superior de Bacharelado em Educação Física

² Orientadora da Pesquisa

PERCEPTION OF INTELLECTUAL DISABILITIES ON SMALL SPORTS COMPETITIONS: FROM EXPECTATION TO REALITY

ABSTRACT

The purpose of this study was to investigate the perception of people with intellectual disabilities about the sports competitions in which they participate. Fifteen students aged 15 to 27 years were interviewed. As a result we realize that the competition has a recreational character. The priority of the students for the competition is to travel and the condition of playing was the last one chosen by them. These data demonstrate that the competition does not have as main objective the sport, since the students prefer the ride for the championship than to make in fact an evident part of it. The research makes us reflect that the competition in the current format has not been an agent capable of giving this group of students the expression of feelings, understanding about the sport, the spirit of competition and socialization.

Keywords: Sport, disability, competition

1.0 INTRODUÇÃO

Em cada momento histórico a deficiência foi percebida de formas diferentes pela sociedade. Dependendo assim da cultura, do acesso a informação, crenças, entendimentos e convicções.

Na antiguidade as pessoas com algum tipo de deficiência não eram consideradas seres humanos e por um longo tempo foram sacrificadas, usadas como objetos de divertimento e pedintes (CORRÊA, 2005). Na Idade Média por tempos a sociedade acreditou que a presença de alguma deficiência se tratava de um castigo divino (ARANHA, 2000). A partir do século XVIII, com a ciência moderna começam a surgir ideias de que a deficiência não mantinha elo espiritual e estaria ligada a questões orgânicas e precisariam então ser tratadas. (ARANHA, 2001).

No Brasil a sociedade começou a atender as pessoas com deficiência inspiradas no tratamento educacional da Europa e Estados Unidos. Os primeiros passos têm como foco o assistencialismo e a caridade, mantendo as pessoas com deficiência como dependentes e necessitadas (ARANHA, 2000).

Em 1906, segundo Aranha (2000), começam a surgir as primeiras classes de atendimentos às pessoas com deficiências intelectuais. A partir de 1932 surgem as primeiras escolas especializadas, um dos grandes marcos na retirada desses indivíduos de suas casas, colocando-os em entidades que saberiam como tratá-los, uma réplica de asilo para deficientes.

Após a Segunda Guerra Mundial os soldados mutilados precisam retornar às suas atividades e passam então a precisar da reabilitação na condição de deficientes físicos. (ARANHA, 2000). As autoridades decidem então fazer do esporte uma forma de contribuir na reabilitação de pessoas com deficiência para que o processo de reabilitação física, social e emocional fosse mais rápido. A possibilidade de trazer novos caminhos para esse público foi marcada com a prática esportiva, um novo viés de capacidade e eficiência que novamente os faziam sentir parte da sociedade (ARAÚJO, 1998).

No Brasil o esporte adaptado tem seus indícios a partir de 1950 e mantinha o mesmo viés de reabilitação, o que só era possível pois havia um pequeno comprometimento do governo. (ARAÚJO, 1994).

O esporte adaptado como competição chega ao Brasil através dos pioneiros Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande, que ao buscar tratamento médico nos Estados Unidos se deparam com o esporte em outros moldes. Del Grande decidiu então fundar em 6 de dezembro de 1959 um clube de paraplégicos em São Paulo. Em 1960, o Clube participa do 1º campeonato mundial realizado em Roma (ARAÚJO, 1994).

Hoje as associações que compõem o Comitê Paraolímpico Brasileiro são: Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC), Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA), Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas (Abradecar), Associação Nacional de Desporto para Excepcionais (Ande) e Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais (ABDEM), que programam e fomentam a iniciação e o desporto de alto rendimento no país (COSTA e SOUSA, 2004). As pequenas competições esportivas são organizadas pela Federação Nacional das Apaes (FENAPAES) e dos resultados regionais, seguem as etapas estaduais e nacionais.

Atualmente, o esporte para pessoas com deficiência é muito mais que reabilitação, é uma estratégia para desmascarar a impossibilidade, vencer limites, ter auto estima, autonomia sobre as decisões e emoções que perpassam os limites da quadra (SLONSKI et al, 2013).

Rabelo (1983) afirma a importância do esporte no processo de integrar as pessoas com deficiência, justificando-se pelo fato de quase todas as modalidades esportivas podem sofrer adaptações na prática.

Segundo Souza (2007) o esporte pode ser utilizado como fonte de liberação de sentimentos como nervosismo, estresses, raiva, medo, frustração e agressividade, pode propiciar o sentimento de auto realização, satisfação, alegria e

autoconfiança. Contribuindo assim para o desenvolvimento das habilidades sociais dos indivíduos.

Muito se discute acerca da inclusão social através do esporte, contudo esses dizeres são generalizados e pregam a todo custo que qualquer atividade esportiva promove benefícios. Sobre a temática Celli (2008) diz que é preciso compreender as pequenas realidades e investigar em que medida o esporte adaptado pode estar relacionado ao processo de inclusão social e sob quais circunstâncias se operacionaliza.

Justificando-se pelo direito que a pessoa com deficiência possui, e que possa ser incluída na sociedade em diferentes áreas como; cultura, lazer, esporte, educação e trabalho (ARAÚJO, 1998). O presente estudo teve por finalidade investigar sob a ótica dos alunos com deficiência intelectual a realidade nas pequenas competições esportivas realizadas pela FENAPAES. De fato, o esporte para eles é competição? Quais são os principais interesses vinculados aos campeonatos por parte dos alunos? Há socialização? Quais os sentimentos envolvidos dos alunos para com os campeonatos? Qual é a percepção emocional, social e competitiva de um grupo de alunos com deficiência intelectual do sul de Minas Gerais sobre as competições esportivas que participam.

2.0 METODOLOGIA

2.1 AMOSTRA

Trata-se de uma amostra com caráter não-probabilística intencional, formada por quinze alunos com laudo médico e atestado psicológico que comprovam deficiência intelectual. Frequentadores de uma escola especializada do Sul de Minas Gerais. As idades variam entre 15 e 27 anos, sendo 9 do gênero masculino e 6 do gênero feminino totalizando 15 alunos.

2.2 PROCEDIMENTO

A adesão de alunos na pesquisa foi feita utilizando as fichas de inscrição das competições durante o ano. De um total de vinte alunos foram selecionados quinze por meio de sorteio, pois alguns tinham participado de apenas uma competição durante o ano.

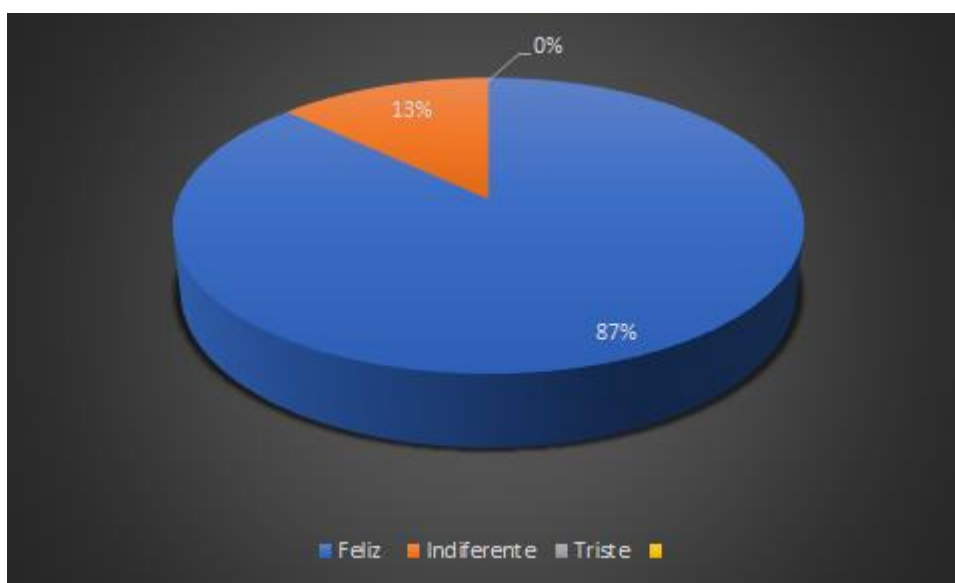
O termo de compromisso livre e esclarecido foi enviado para os responsáveis para que pudessem autorizar aos sorteados responder o questionário. A direção da instituição também recebeu um termo de compromisso solicitando autorização prévia para o desenvolvimento da pesquisa.

Concordando com Carneiro (2007), muito se fala sobre as pessoas com deficiência, porém, pouco se fala com elas. Nesse intuito foi aplicado um questionário com oito questões sendo seis questões objetivas e duas questões dissertativas. A proposta, como aponta Glat (1989 p.26), é priorizar “a versão dos indivíduos pertencentes ao grupo estigmatizado, em vez dos profissionais que os rotulam”. O questionário utilizou de emoticons (feliz, indiferente, triste e com raiva) nas questões que faziam referência a alguns sentimentos, acreditando que dessa forma seria mais fácil para os alunos interpretar suas emoções relacionadas às competições esportivas. As demais questões faziam referência à socialização, direcionamento de interesses, o competir e suas capacidades.

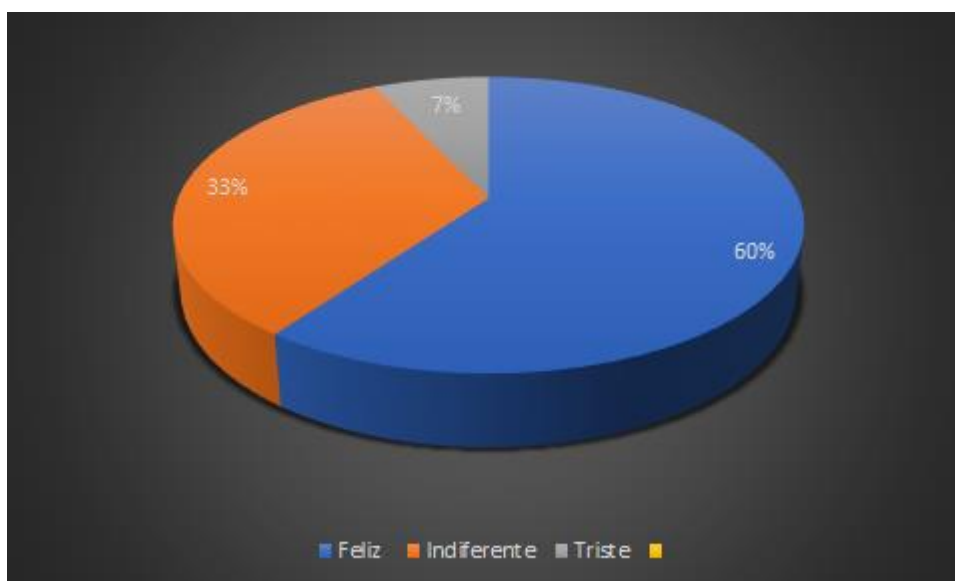
Todos os alunos responderam individualmente o questionário com auxílio do entrevistador apenas para leitura. O questionário foi aplicado com um aluno por vez para que as respostas não possuíssem influências externas. É importante ressaltar que os alunos não apresentaram dificuldades para compreender as questões. Apenas uma aluna que não é surda, mas não faz uso de comunicação oral, utilizou de recursos visuais (imagens) para responder à questão de número sete. As demais questões a aluna não utilizou o recurso e respondeu normalmente.

3.0 RESULTADOS E DISCUSSÕES

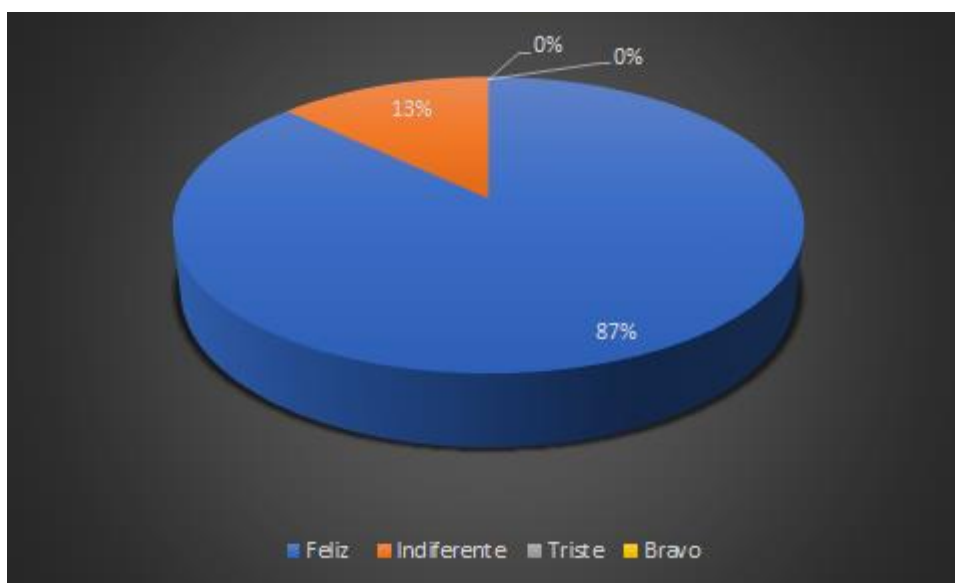
O questionário continha em sua organização as primeiras três questões de caráter emocional, levando em consideração seus sentimentos no decorrer das competições.



Questão 1: Como você se sente ao saber que irá participar de uma competição?



Questão 2: Como você se sente durante a competição?



Questão 3: Como você se sente depois da competição?

Ao analisar as respostas é possível verificar que a maioria se sente feliz no processo de competição. Considerando as respostas pré, pós e durante a competição, visualizamos que em dias de campeonatos de forma majoritária os deixam felizes.

Essa felicidade pode estar associada à nossa motivação que segundo Weinberg e Gould (2008) está relacionada com a intensidade e a direção dos nossos esforços. Sendo possível desenvolver a motivação para realização de atividades que fuja da rotina.

TABELA 1. O que você mais gosta nos dias de competição?
(Ordem de preferência)

Preferência	1	2	3	4
Viajar	10	1	3	1
Almoço e lanches	1	6	5	3
Jogar	2	5	1	7
Fazer amizades	2	3	6	4

Lista de preferência dos alunos, seguindo uma ordem de prioridades

Em um estudo realizado por Pedrinelli, et al. (2012) também com pessoas com deficiência intelectual, apontou 4 motivos mais importantes pelos quais essas pessoas participavam de um programa esportivo de caráter competitivo o Special Olympics Brasil, e na ordem de prioridade são eles; “ganhar fitas e medalhas, jogar com outras pessoas da minha equipe, ir a lugares novos e diferentes e me sentir uma pessoa importante” (PEDRINELLI, et al., 2012, p.1007).

Esse estudo deparou-se com o “viajar” sendo uma das principais motivações dos alunos a participarem de competições. Que pode ser justificada pelo fato da privação do lazer que essas pessoas são acometidas, associando o viajar para as competições como uma fuga do cotidiano, tornando um dos únicos momentos de lazer praticados por essas pessoas. Para Mazzotta (2006), essa privação se compara a perda da liberdade nas relações sociais que são fundamentais nas condições do ser humano. Blascovi-Assis (2001), afirma que o lazer para as pessoas com deficiência é visto sob uma ótica superficial, tendo que mente que existem outras necessidades como tratamento de saúde. Bisognin (1998), afirma que a principal barreira é a sociocultural, resultante da divisão de classes sociais e que define a posição das pessoas com deficiência. Refletir sobre o lazer para pessoas com deficiência é um direito fundamental enquanto cidadão. Buscar meios para que o lazer se torne democrático para esse público significa compreender caminhos diferentes para melhor qualidade de vida em sociedade. (BISOGNIN, 1998)

O fator socioeconômico é associado a prioridade dois “almoço e lanches” escolhidas pelos alunos. “O combate à pobreza e a desigualdade passa por reconhecer diferenças e impedir que estas diferenças se traduzam em desigualdades.” (NÉRI, et al., 2003, p.4). Os alunos possuem uma condição socioeconômica fragilizada, o que pode justificar a escolha da alimentação como prioridade dois.

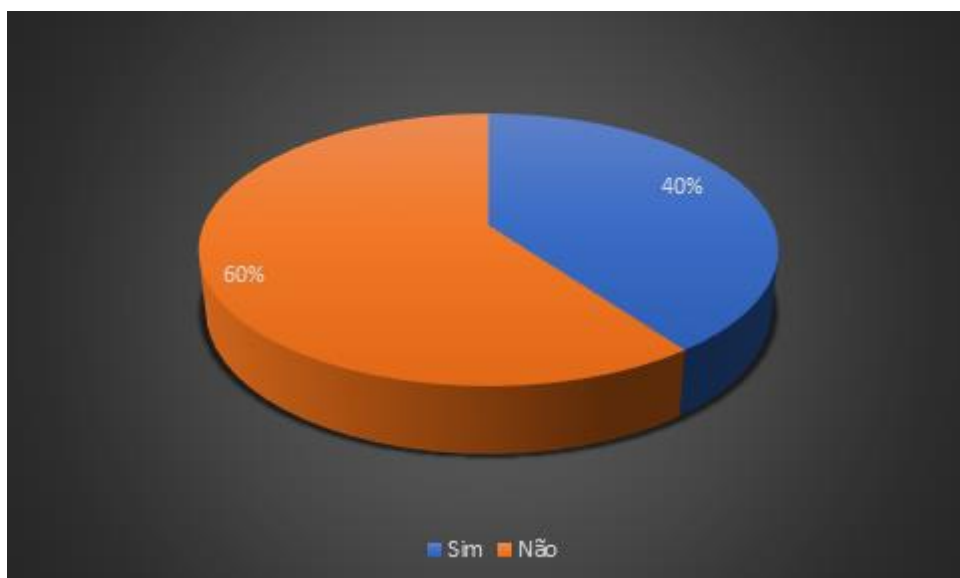
A última prioridade é “jogar”, que pode ser justificada porque todos os estudos relacionados aos esportes adaptados são realizados em grandes

competições e com atletas que já possuem rendimento, o que não demonstra a realidade das pequenas competições.

É importante salientar que existe a proposta orientadora de ações para que seja desenvolvido treinamento esportivo e os alunos possam participar de competições de maneira estruturada.

3. DESPORTO: Nesse programa poderão ser oferecidas atividades de iniciação e treinamento desportivo visando competições locais, regionais, nacionais e internacionais. Poderão ser oferecidas todas as modalidades esportivas. É importante frisar que para participar de competições os alunos deverão passar por um período prévio de treinamento e que, para participar de treinamentos, os alunos deverão apresentar condições físicas e emocionais favoráveis. Os treinamentos desportivos deverão ser oferecidos, no mínimo, duas vezes por semana e, caso o aluno faça parte de algum programa da APAE Educadora, deverá continuar a participar das aulas de Educação Física Escolar oferecidas por ela. As unidades da APAE poderão buscar parcerias com universidades/ faculdades, empresas públicas ou privadas, associações, clubes e outras instituições para montar e estruturar suas atividades de treinamento esportivo. (TÍBOLA, p. 58, 2001)

Acredita-se que existem diversos fatores que quando associados fazem do esporte a última opção para esses alunos. Uma das possibilidades é a ausência de uma preparação física adequada dos alunos para as competições, conhecer a modalidade e fazer com que os alunos também reconheçam seu potencial através do esporte. A forma como é proposto, seus objetivos e didática fazem a diferença. (MARTINS; SILVA, 2014).



Questão 5: Quando tem competição você se sente preparado para ir jogar?

A pergunta faz relação com a percepção individual das capacidades físicas necessárias para que possam jogar plenamente. Caldeira e Cavalari (2010) diz que a deficiência intelectual é um dificultador no processo de aprendizagem, tanto motora como cognitiva, o que faz necessário o uso de metodologias específicas e utilizadas em um tempo maior para que as capacidades sejam realmente estimuladas. É possível dizer, tendo conhecimento da realidade que os alunos não possuem treinamento esportivo. O que justifica as respostas sobre não se sentirem preparados, uma vez que a prática de treinamento é esporádica e não existem equipes fixas.

TABELA 2. Questão 6: Você sabe quando ganhou ou perdeu? Se sim, como?

Sim	2
Não	13

Dois alunos justificam que sabem quando perderam dizendo que “Alguém me fala” e “Eu sei qual fez mais pontos”. Outros dois alunos disseram não saber quando perderam, mas complementaram dizendo que “Eu pergunto e alguém me fala” e “A professora fala se ganhou ou perdeu”.

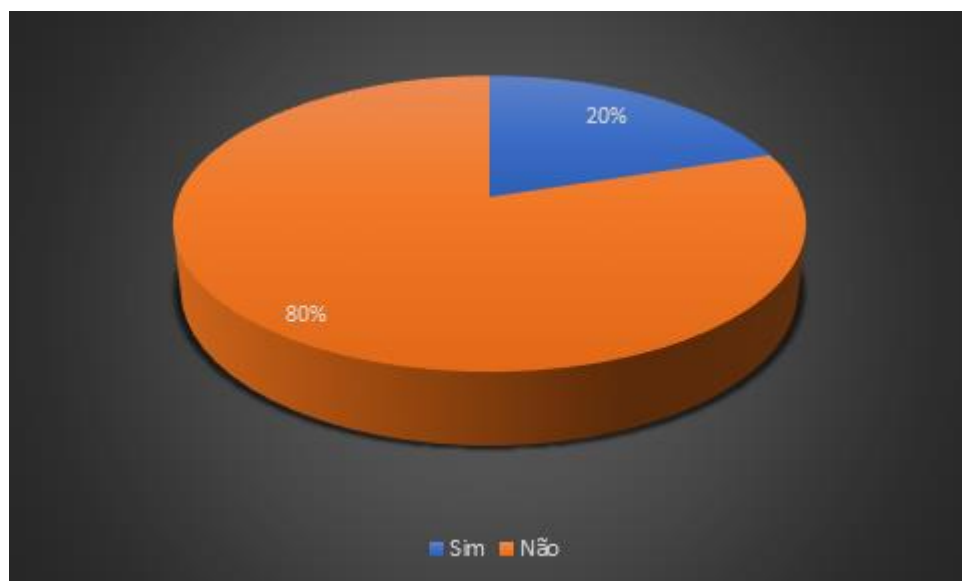
TABELA 3. Questão 7: Você é capaz de identificar por quê perdeu?

“Não”	12
“Nós não jogamos direito”	1
“Porque não jogou direito e o outro time era melhor”	1
“Fizemos menos pontos”	1

É visível que os alunos não possuem capacidade de entender o jogo ao simples ponto de saber quem ganhou e quem perdeu. A questão não se restringe unicamente ao resultado, é muito além, pois os alunos continuam jogando sem saber qual é a situação dentro de quadra! Como é possível participar do jogo, se envolver e sair de quadra sem saber o resultado? Sobre a ausência de participação efetiva, Martins e Silva (2014), diz:

Pior do que não se posicionar frente a esta questão é a postura que parece existir, com frequência denominada de consciência ingênua. Esta se caracteriza pela conduta alienada e acrítica, onde não há reflexão. O mero fazer reflete uma visão reducionista do homem, e uma ação sem reflexão confirma esta visão. A reflexão deve estar presente antes, durante e após a atividade, questionando o movimento e não se satisfazendo com o esporte como fim em si mesmo. (MARTINS e SILVA, p.1, 2014).

A Educação Física nesse sentido tem uma tarefa primordial de orientar muito além das práticas esportivas. O esporte não deve ter um fim em si mesmo, sem reflexão, sem questionamentos, reduzido a reprodução. O aluno deve ter condições de entender o porquê do resultado ao final da partida, refletir sobre as situações de jogo e ter autonomia para resolvê-las.



Questão 8: Você consegue fazer novos amigos durante a competição?

Ainda que “fazer amizades” seja uma prioridade para os alunos nos dias de competição é possível visualizar a distância entre querer e conseguir essas amizades de forma efetiva.

A sociabilidade é um elemento básico presente praticamente em grande parte das atividades de lazer, estando associada com o despertar do prazer emocional, proporcionando ao participante um estímulo agradável experimentado pelo fato de estar acompanhado de outras pessoas sem qualquer obrigação ou compromisso para com elas, salvo, para aquelas obrigações e compromissos- que se tenha de forma voluntária. Sendo assim, o lazer oportuniza uma maior e mais profunda interação entre as pessoas e como consequência uma amigável emotividade, a qual se distingue da praticada, e de certo modo, considerada normal, na esfera profissional e também nas atividades de não lazer. (RUGISKI; PILATTI, p.4, 2005)

Na literatura encontramos pontos favoráveis relacionando o esporte como uma ferramenta de socialização, porém nossos resultados contrapõem essa ideia, pois nossos alunos não conseguem fazer novas amizades.

4.0 CONCLUSÃO

Os alunos se sentem felizes durante a competição, e a percepção individual nos mostra que grande parte dessa felicidade está relacionada a “viajar” e se “alimentar”. Mostram a despreparação para estarem competindo, o que logo é justificado pelo “jogar” ser a última prioridade dos alunos.

A ausência de lazer e dificuldades econômicas desse público resulta em uma troca de interesses e seus desdobramentos tiram o esporte como objetivo principal. Se tornam necessárias políticas públicas que deem respaldo para esse público através de seus serviços.

Fica exposto a partir dessa pesquisa específica que o campeonato estudado se trata de uma competição, contudo é possível perceber que não é essa a forma que os alunos o interpretam, sendo para eles uma atividade recreacional sem preocupação com resultados, bem como é visível uma total incompreensão da estrutura do jogo. É imprescindível dizer que no atual formato, para o grupo estudado os campeonatos de forma isolada não têm contribuindo efetivamente para

a socialização dos alunos, que relatam querer fazer novas amizades, mas não são capazes de concretizá-la.

5.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M.S.F. Implantação e implementação de ações e serviços de educação inclusiva no Município de Vargem Grande Paulista: Um estudo de caso. **Rede Entre Amigos de Informações sobre Deficiência, pasta Inclusão**, (www.entreamigos.com.br), 2000.

ARANHA, M.S.F. Paradigmas da relação entre a sociedade e as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério Público do Trabalho**, Brasília, v. 21, p.160-176, 2001. Ltr Editora Ltda.

ARAÚJO, L. A. D. A proteção constitucional das pessoas portadoras de deficiência. Brasília, **CORDE**, 1994.

ARAÚJO, P. F.; O Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade. **Ministério da Educação e do desporto/INDESP**, 1998.

BISOGNIN, E. M. Barreiras sócio-culturais para o lazer de pessoas portadoras de deficiência física. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1998.

BLASCOVI-ASSIS, S. M. Lazer e deficiência mental. 2ed. Campinas: Papirus, 2001

CALDEIRA, Lucinete de Fátima Menegassi, CAVALARI, Nilton. Dificuldade de Aprendizagem com Deficiência Intelectual.2010.

CARNEIRO, M. S. C. Deficiência mental como produção social: uma discussão a partir de histórias de vida de adultos com síndrome de Down. 2007. 193 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CELLI, N. S. Desestigmatização através do esporte para a inclusão social de deficientes. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curso de Graduação em Ciências Sociais, 2008

CORRÊA, M. A. M. Educação Especial. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2005. V.1.

COSTA, A. M; SOUSA, S. B. Educação Física e Eporte adaptado: História, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.

GLAT, R. Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

MARTINS, L. T; SILVA, R. O. Competição na Educação Física escolar: quem ganha o jogo? **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 18, Nº 188, Enero de 2014

MAZZOTTA, M. J. S. Acessibilidade e a indignação por sua falta. In: 1a CONFERÊNCIA NACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: ACESSIBILIDADE VOCÊ TAMBÉM TEM COMPROMISSO. Brasília, **Caderno de textos**, p 30-32, 2006.

NÉRI M, et. al. Retratos da deficiência no Brasil. Rio de Janeiro: FGV/IBRE/CRS, 2003; p. 250

PEDRINELLI, V.j. et al. Motivos para a participação esportiva de atletas com deficiência intelectual no programa Special Olympics Brasil. **Motricidade**, Villa Real - Portugal, v. 8, n. 2, p.1005-1012, 2012.

RABELO, D. A. O EPT e os excepcionais. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação e Cultura. Secretaria de Ed. Física e Desportos. Teoria e prática do esporte para todos: 1982-1983. Brasília: **MEC/SEED**, 1983. p. 307

SLONSKI, E.C.; SOUZA, W. C. de; SOUZA, W. B. de; GRZELCZAK, M. T.; MASCARENHAS, L. P. G. O esporte adaptado como instrumento na sociabilidade da pessoa com deficiência. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, Año 18, n. 180, may. 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 20 de nov. 2016.

SOUZA G. M. B. Avaliação inicial do Aluno com Deficiência Mental na Perspectiva Inclusiva. 2007.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.